

## "O CORPO NA FALA": COMO SUPERAR TRAUMAS E VÍCIOS



**Cesar Tólmi - Filósofo, professor de Filosofia, psicanalista, jornalista, artista plástico autodidata, escritor e idealizador da Neuropsiquiatria Analítica.**

**Contato: <https://www.institutocinpa.com.br>**

Sempre se tratou a questão da razão, da fala, como "coisa espiritual", "coisa da alma", negligenciando, assim, o corpo, que era reduzido a uma espécie de "cárcere da alma", "prisão do espírito". Convém "valorizar o corpo" no que se refere à razão, à fala, isto é, à consciência, pois a nossa existência se dá na interação corpo/ ambiente. Uma consciência jamais se relaciona com outra se não mediante a "corporeidade" (ou "corporalidade"), pois o outro é o "outro" mediante o corpo, ou seja, mediante a "corporeidade de suas subjetividades". A intersubjetividade, o "encontro e entrelaçamento de consciências", ocorre quando "duas ou mais corporeidades" se aproximam. "Corpo", aqui, é não somente no sentido de organismo constituído de carne, ossos, músculos..., mas também e, principalmente, no sentido de "concretização", ou "objetivação das subjetividades" do outro na relação comigo e das minhas na relação com o outro. Sem a "corporeidade" -e mesmo o corpo propriamente dito- não haveria divisão, não existiria o "ele" e o "outro", o "tu" e "eu", isto é, não haveríamos! Não existiríamos! De maneira metafórica podemos dizer se tratar da "corporeidade da alma"; a consciência "toma forma no corpo" do outro que a traz até mim e no meu que a leva ao outro. Só pode haver encontro na distinção, isto é, se você é uma "corporeidade" e eu, outra.

Considerando, assim, a necessidade de o "lógos" (palavra; razão) se "corporeidificar" para o surgimento da dialética, da "inter-relação" ("laçamento mútuo"; "apreensão mútua" -em maior ou menor grau- de consciência) podemos entender que um trauma (ou "círculo vicioso" de modo geral) só pode ser superado quando -seja por assim dizer- é "corporeidificado", quando um "formato" lhe é dado. Deste modo posso "relacionar-me" com o trauma ("laço-me a ele", de maneira nova), para então ter domínio sobre ele e não mais ser por ele dominado. Aqui, faz-se necessário distinguir "emoções" e "sentimentos". Emoções são "afetações" (não recebem nomes) e sentimentos são "emoções nominadas", interpretadas, significadas ou ressignificadas. O ser humano permanece perdido em traumas na medida em que não "corporeidifica-os", isto é, enquanto é arrastado por um turbilhão de emoções, pois emoções, não sendo nominadas, ou seja, não sendo entendidas, significadas, estão fora do nosso domínio, livres de nossa regência e, conseqüentemente, nos transtorna. Não é sem motivo que, desde os períodos mais primitivos, o homem buscou nominar todas as coisas. Ao dar nome às coisas, ao -seja por assim dizer- identificá-las, ele "as trazia para si", tomava o controle, deixava de teme-las, pois o que aterrorizava-o era o "desconhecer as coisas"; a estranheza era o que o fazia tão vulnerável. À propósito, em NPA, busca-se, entre outras coisas, a "interpretação dos sonhos", por exemplo, para que, assim, "corporeidificando seus elementos", dando -lhes "coesão simbólica", proporcionando-lhes "linearidade", um sequenciamento lógico, inteligível, seja possível agir sobre eles, para que eles percam, finalmente, a ação sobre a pessoa.

Entender o que é o ser humano se faz necessário para desenvolver um bom conhecimento das comumente chamadas psicopatologias ou transtornos biopsicossociais. Podemos dizer que o ser humano é, principalmente, consciência - de si e do entorno - e que a consciência é estruturada linguisticamente, de maneira que, em seus diferentes níveis e em suas diversas vias, os transtornos resultam de "quebra na linearidade da história subjetivada do indivíduo". No dizer metafórico bíblico, *o que contamina o homem não é o que entra por sua boca, mas o que de sua boca sai*: as suas interpretações da realidade e conseqüente projeções dessas interpretações, se negativas. Alinhado a isto, o neurocientista Miguel Nicolelis, que já figurou entre os 20 cientistas mais influentes do planeta, pela Revista *Scientific American*, lançou, recentemente, um livro em que faz a seguinte afirmação: *o verdadeiro "eixo" do Universo e criador de tudo é o cérebro humano!* Com isso ele quer dizer que, toda a realidade experimentada pelo homem, é uma configuração do próprio homem, como um escultor, por exemplo, que pega um elemento da Natureza (o barro ou a pedra) e a partir deste faz algo que, em toda a extensão da Natureza, jamais havia existido: uma obra de arte!

Resumindo: é de máxima importância "dar corpo às palavras", ou "encontrar o corpo das palavras". Ou, mais do que isto: faz-se necessário que, mediante as palavras, se dê, às emoções, "corpo", para que possamos -seja por assim dizer- "manuseá-las".

"Autoconhecimento...". Eis a grande questão que tem relação direta ao "corpo na fala". Conta-se que, certa vez, Sócrates, desejando consultar o oráculo, foi ao templo dedicado ao DEUS Apolo (em Grego, Ἀπόλλων, que se traduz "espírito do calor", ou "espírito aquecido") e que chamou-lhe a atenção, no pórtico, o enunciado que, em Grego, era "γνώθι σεαυτόν και μηδέν ἄγαν", cuja transliteração é "gnóthi seautón kai mēdén ágan". A tradução é: "Conheça-te por ti mesmo e nada fará em excesso". Tal enunciado faz menção ao conceito que norteava os antigos gregos, principalmente os filósofos. Aristóteles observou esse conceito e com ele ficou conhecido como "médica áurea", ou "a medida de ouro", também chamado de "meio-termo". O referido conceito fazia menção à *hybris* (em grego ὕβρις), que tem a ver com "ultrapassar a medida"; é o excesso. Originalmente, "húbris" ou "hýbris" se referia ao "excesso moral", como, por exemplo, arrogância. Com o tempo, ainda na Grécia antiga, a palavra teve seu sentido estendido a todo tipo de excesso, aludindo, por exemplo, ao desprezo, ao não respeito pelo espaço ou pelo direito da outra pessoa, também à perda do domínio sobre os próprios impulsos ou instintos. "Corporeidificar" as emoções, os traumas..., é "mergulhar em si mesmo", é autoconhecimento! O autoconhecimento é a chave para a vida boa, para a vida que merece ser vivida.

**Obs.: o texto aqui exposto é parte da disciplina "A RELAÇÃO MENTE E LINGUAGEM NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO SER HUMANO: considerações semióticas sobre Neuropsiquiatria Analítica", do Curso de Formação em Neuropsiquiatria Analítica, desenvolvido, formatado e ministrado por mim.**